

O CINEMA COMO EXPERIÊNCIA SENSÍVEL E MEDIADORA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: RELAÇÕES ENTRE NATUREZA E INFÂNCIA

Ana Carolina Domingues¹

*¹Prefeitura Municipal de São Carlos, São Carlos/SP, Brasil
(anacarolina.domingues@gmail.com)*

Resumo: Este artigo tem por objetivo apresentar um relato de experiência de uma prática pedagógica que foi realizada com crianças bem pequenas em uma creche de São Carlos/SP, a partir do filme *Minúsculos* (2013). Tal proposta integrou cinema, natureza e o brincar. O cinema, compreendido como uma linguagem estética e formativa, possibilitou ampliar repertórios, promoveu aprendizagens e fortaleceu o contato dos pequenos com a natureza.

Palavras-chave: Cinema; infância; brincar; experiência; natureza.

INTRODUÇÃO

Na educação infantil, as linguagens expressivas e sensoriais têm papel fundamental no desenvolvimento das crianças pequenas, possibilitando que elas explorem o mundo de forma simbólica, criativa e afetiva. Nesse contexto, o cinema, como uma linguagem artística e cultural, apresenta-se como uma experiência, capaz de despertar a curiosidade, promover a escuta sensível e ampliar o repertório estético das crianças. Ainda que por vezes subestimado nas propostas com crianças muito pequenas, o trabalho mediado com o cinema oferece oportunidades de vivências significativas que articulam imagem, som, narrativa e emoção, favorecendo o brincar, a imaginação e a construção de sentidos.

Nos últimos anos, experiências com cinema na escola têm se expandido com base nos trabalhos de Bergala (2008), Fresquet (2013) e Migliorin (2015), por

exemplo, que trazem uma perspectiva do ver e fazer cinema como um ato político, pedagógico, estético e artístico. Ver um filme, deste ponto de vista, é se abrir a uma experiência, em que cada imagem produzida tem um sentido e uma intencionalidade própria, em que, mais do que interpretar uma narrativa audiovisual, trata-se de viver uma experiência estética que estimula a sensibilidade, a percepção e o diálogo com o mundo.

Neste sentido, essa abertura à experiência estética torna-se ainda mais significativa quando pensamos na infância como um tempo de descobertas sensoriais, de encantamento com os detalhes e de intensa produção de sentidos a partir do brincar e da convivência com o outro. Ao assistir a um filme, a criança observa imagens em movimento, mas também sente, reage, interpreta com o corpo, com os gestos e com o olhar. A imagem em movimento ativa memórias, provoca risos, silêncios, inquietações e, muitas vezes, impulsiona o desejo de brincar com o que se viu. É nesse entrelaçamento entre cinema e brincadeira que surgem novas formas de expressão, onde a narrativa audiovisual passa a ser incorporada pelas crianças, ressignificada por suas ações, falas e imaginação.

Junto a isso, é importante colocar que desde 2022, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) passou a contar com um complemento dedicado à computação e cultura digital, o que reforça a importância de introduzir, de maneira respeitosa e significativa, experiências com linguagens digitais e midiáticas já nos primeiros anos da escolarização. A presença dessas linguagens, no entanto, não se restringe ao uso instrumental de tecnologias, mas propõe uma abordagem crítica, criativa e sensível ao mundo digital, incentivando práticas pedagógicas que valorizem a expressão, a autoria e a mediação cultural. Nesse sentido, o cinema é reconhecido como uma linguagem potente que articula imagem, som, narrativa e sensibilidade — uma forma de arte que contribui diretamente para a formação estética, ética e cultural das crianças.

Entre as habilidades previstas neste complemento, destacam-se a EI03CO10, que orienta para o uso seguro, consciente e respeitoso de tecnologias digitais, e a EI03CO11, que propõe o desenvolvimento de hábitos saudáveis no uso de artefatos computacionais.

Para este trabalho, ao propor o uso do cinema como uma linguagem digital e estética na escola, a experiência aqui relatada dialoga com essas diretrizes, promovendo o contato com o audiovisual de forma mediada e cuidadosa, respeitando os tempos, os interesses e a capacidade de percepção das crianças pequenas. Trata-se, portanto, de integrar a cultura digital à prática pedagógica na infância, ampliando suas formas de expressão, escuta e encantamento com o mundo.

Assim, o objetivo deste artigo é apresentar um relato de experiência realizado em uma creche no município de São Carlos/SP, com crianças de uma fase três, a partir do filme de animação *Minúsculos* (2013). Tal proposta buscou articular o cinema e o brincar como linguagens complementares, explorando os elementos do filme para inspirar a exploração da natureza e do ambiente da escola, conteúdos de ciências, interações significativas, musicalização e oralidade. Desta forma, serão aqui compartilhados os caminhos e desdobramentos dessa vivência, destacando as possibilidades de inserção do cinema na prática pedagógica com crianças bem pequenas e reflexões sobre suas contribuições para a aprendizagem e a expressão infantil.

MATERIAL E MÉTODOS

Essa experiência foi desenvolvida em uma turma de fase três de educação infantil, em uma instituição de ensino da rede pública no município de São Carlos/SP. A proposta foi realizada ao longo de um mês e foi incorporada à rotina pedagógica de forma integrada às atividades de escuta, roda de música, artes visuais e brincadeiras.

O projeto teve como ponto de partida o filme *Minúsculos* (2013) uma animação franco-belga que combina imagens reais de paisagens naturais com

personagens de insetos animados em 3D, sem uso de diálogos. A escolha do filme levou em consideração a sua linguagem visual acessível, o caráter lúdico e a possibilidade de aproximação com o universo das crianças da turma, que expressavam interesse por elementos da natureza e pelos pequenos insetos que habitam o cotidiano da escola como formigas, joaninhas e besouros, assim como “dona aranha”, cantiga popular muito querida e pedida pelas crianças da turma.

O filme também foi escolhido por sua estética realista, classificação indicativa livre e narrativa acessível às crianças pequenas. Sem falas, o longa se apoia na construção de imagens, dos sons da natureza e da trilha sonora para construir sentidos. A ausência de diálogos verbais convida os mini espectadores a interpretar a história a partir das expressões, ritmos e interações entre os personagens insetos, inseridos em cenários reais. Essa linguagem silenciosa, visual e sonora favorece uma escuta sensível e múltiplas leituras por parte das crianças, respeitando seus tempos e modos próprios de imaginar, perceber e narrar o mundo.

Por se tratar de crianças bem pequenas, o trabalho com o filme foi estruturado de acordo com os tempos e ritmos próprios dessa faixa etária. A exibição foi feita em partes, com trechos curtos selecionados, respeitando tanto o tempo recomendado de exposição a telas quanto a capacidade de atenção e envolvimento das crianças.

A Sociedade Brasileira de Pediatria lançou em 2016 um manual de orientações intitulado: *Saúde de crianças e adolescentes na era digital*, em que recomenda “limitar o tempo de exposição às mídias ao máximo de 1 hora por dia, para crianças entre 2 a 5 anos de idade” (SOCIEDADE BRASILEIRA DE PEDIATRIA, 2016, p.3). Portanto, a experiência foi mediada, de modo a manter o caráter lúdico e sensível da proposta, sem impor sobrecarga visual. Dessa forma, o filme se transformou em ponto de partida para experiências de escuta, observação e, sobretudo, de brincadeira.

Para as sessões de exibição, a sala foi transformada com a organização das cadeirinhas e a luz apagada. Essa ambientação foi pensada como forma de

marcar simbolicamente os momentos de exibição e diferenciar essa vivência de outras experiências com telas. As crianças foram envolvidas no preparo do espaço e foi notado que durante as mostras do filme, as crianças compartilhavam expressões e falas em cada aparição dos insetos.



Figura 01: Sessão de um trecho do filme.

Utilizando a televisão disponível na sala de aula, a proposta envolveu diferentes experiências articuladas ao conteúdo de ciências e ao trabalho com a linguagem visual, como a exploração do espaço da escola em busca de insetos, rodas de conversa sobre respeito à natureza, contação de histórias e

cantigas tradicionais relacionadas ao tema. O filme serviu como ponto de partida sensível e estético, despertando a curiosidade das crianças a partir de imagens que favoreceram a aproximação com os pequenos seres da natureza.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A experiência com o filme *Minúsculos* (2013) demonstrou o quanto a linguagem audiovisual pode provocar descobertas, sensibilidades e aprendizagens entre as crianças. Em cada exibição, foi perceptível o encantamento com os personagens e a atenção às minúcias dos movimentos, sons e interações entre os insetos. Essa sensibilidade foi canalizada para explorar o entorno da escola, procurando formigas, joaninhas e outros insetos. As crianças passaram a observar e se interessar mais por esses pequenos seres da natureza.



Figura 02. Crianças observando formigas.

Esse movimento evidencia o papel do cinema como disparador sensível de investigações sobre o mundo natural, promovendo um vínculo entre arte, ciência e vida cotidiana. Como afirma Fresquet (2013), ver um filme não é apenas consumir imagens, mas abrir-se a uma experiência estética que mobiliza o olhar, a escuta e a imaginação. Nesse sentido, o filme foi um recurso didático e ao mesmo tempo, se revelou como um dispositivo estético que reorganizou os modos de perceber e habitar o espaço, de brincar e de perguntar.

A escolha desta proposta foi fundamentada na compreensão de que a criança pequena é produtora de sentidos e capaz de acessar o mundo por meio da linguagem e da criação. De acordo com Vigotski (2009), o processo de imaginar consiste em uma forma complexa de reelaborar a realidade. A imaginação se nutre das experiências vividas, sendo essencial para o desenvolvimento cognitivo e para a aprendizagem de conteúdos diversos, inclusive os científicos.

Nesse sentido, ao assistir ao filme e brincar a partir dele, as crianças puderam ativar mecanismos internos de criação, experimentação e significação do mundo ao seu redor. A articulação entre o ver e o fazer, entre a fantasia e a investigação concreta do ambiente escolar, possibilitou aprendizagens em que o conhecimento se mostrou no entrelaçamento entre afetos, linguagens e descobertas.

A experiência também dialoga com as diretrizes da BNCC para a Educação Infantil, especialmente no que diz respeito ao campo de experiências “O eu, o outro e o nós” e “Espaços, tempos, quantidades, relações e transformações”. Ao assistir a trechos do filme e compartilhar suas impressões nas rodas de leitura e música, as crianças estavam desenvolvendo a habilidade EI02EF05, que propõe que as crianças relatem experiências e histórias vividas ou assistidas. Esse processo de escuta e fala, permeado por afeto, mediação e encantamento com a linguagem audiovisual, fortalece tanto a oralidade quanto o exercício da memória e da imaginação.

Além disso, a proposta de exploração dos espaços da escola em busca de insetos reais, inspirada pelo filme, se relacionou com a habilidade EI02ET03, que incentiva o cuidado com plantas e animais nos espaços da instituição. Ao observar os insetos no jardim, aprender sobre seus hábitos e cantar músicas relacionadas à eles, as crianças puderam fortalecer os vínculos com o ambiente, ampliando atitudes de respeito e curiosidade diante do mundo natural.



Figura 03. Observando um formigueiro.

A articulação entre o cinema e essas atividades de ciências, como a observação e busca pelos insetos na escola, as rodas de cantigas e as rodas de conversa com imagens e explicação dos insetos, se deu como um percurso intencional. Segundo Vigotski (2009) para que a imaginação contribua com o desenvolvimento, é necessário que o adulto, neste caso, o professor, crie condições culturais e simbólicas para que a criança possa reelaborar o mundo que a cerca. Nesse sentido, o filme antecedeu as atividades e foi um

disparador simbólico e sensível para que as crianças construíssem ideias sobre a natureza, os insetos e suas relações com o ambiente.

Junto a isso, do ponto de vista do desenvolvimento neurológico, a infância é considerada uma fase crítica para a formação de conexões neurais duradouras. Hai (2018) enfatiza que experiências significativas e integradas que envolvem corpo, emoção, linguagem e sensorialidade favorecem o desenvolvimento de redes neurais sofisticadas, fundamentais para a aprendizagem ao longo da vida.

Ensinar para crianças pequenas é encantá-las com o mundo. Aprender é o encantamento da descoberta, do compreender, do conseguir fazer, do imitar, do reproduzir, do produzir com suas próprias mãozinhas. Encantar e encantar-se com o mundo, com o conhecimento, aprendendo a relacionar-se com o outro são os caminhos para a criança constituir-se no indivíduo único que será (HAI, 2018, p. 100).

Aprender, nesse contexto, é um processo de descobertas contínuas, que acontece na interação com o outro, no brincar, na exploração e na criação. É nesse movimento que a criança constrói sua identidade, desenvolve suas habilidades e amplia seu repertório de sentidos. Portanto, as práticas pedagógicas que respeitam e promovem esse encantamento favorecem o desenvolvimento cognitivo, o afeto, a autonomia e a sociabilidade, dimensões as quais são fundamentais para a constituição de sujeitos na infância.

Essas experiências, quando vividas de forma compartilhada e mediadas com intencionalidade pedagógica, contribuem também para o desenvolvimento de habilidades cognitivas superiores, como a memória, a atenção conjunta e o pensamento simbólico (HAI, 2018). Ao permitir que as crianças percebessem o cotidiano sob novas lentes, ampliadas pela estética do cinema, este projeto teve a intenção de contribuir com o aprendizado das crianças, e também para a construção de uma base afetiva, sensível, estética, e cultural, a partir da qual novos saberes poderão emergir.

CONCLUSÃO

A experiência vivida com as crianças a partir do filme *Minúsculos* (2013) revelou como o cinema pode ser um dispositivo estético na educação infantil, que age como linguagem artística a qual amplia o olhar, estimula a imaginação e desperta o encantamento com o mundo. Ao explorar o universo dos insetos de forma sensível e lúdica, as crianças foram convidadas a observar, sentir, conversar, cantar e brincar em um percurso que uniu arte, natureza e conhecimento de forma integrada.

A mediação pedagógica, inspirada em princípios de escuta, intencionalidade e valorização da experiência estética, foi fundamental para que o filme fosse vivenciado em profundidade.

Retomar o cinema como prática cotidiana na escola é também reposicionar o olhar sobre a infância reconhecendo sua potência criadora, investigativa e sensível. Ao trazer o cinema para a escola, como experiência, abre-se espaço para vivências formativas que mobilizam a sensibilidade, a imaginação e a construção de sentidos. Assim, compreende-se que assistir a um filme com crianças bem pequenas não se trata apenas de entretê-las ou ilustrar um conteúdo, mas de proporcionar encontros com outras formas de ver, sentir e pensar o mundo. O cinema, nesse contexto, atua como uma experiência estética que estimula o olhar curioso, provoca perguntas e amplia o repertório simbólico das crianças. Ao integrar o audiovisual ao cotidiano escolar, a escola se torna também um lugar de formação cultural, onde diferentes modos de narrar e perceber a realidade são reconhecidos como parte do processo educativo.

REFERÊNCIAS

BERGALA, Alain. *A hipótese-cinema*. Pequeno tratado de transmissão do cinema dentro e fora da escola. Tradução: Mônica Costa Netto e Silvia Pimenta. Rio de Janeiro: Booklink - CINEADLISE-FE/UFRJ, 2008.

BRASIL. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: Ministério da Educação, 2017. Disponível em: <<https://basenacionalcomum.mec.gov.br/>>. Acesso em: 9 jul. 2025.

BRASIL. *Complemento da Educação Infantil à BNCC – Computação e Cultura Digital*. Brasília: Ministério da Educação, 2022. Disponível em: <<https://observatorio.movimentopelabase.org.br/wp-content/uploads/2023/10/anexo-ao-parecer-cneceb-no-2-2022-bncc-computacao.pdf>>. Acesso em: 9 jul. 2025.

FRESQUET, Adriana. *Cinema e educação - reflexões e experiências com professores e estudantes de educação básica, dentro e “fora” da escola*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013. (Coleção Alteridade e Educação).

HAI, Alessandra Arce. *Educação infantil - alimentação, neurociência e tecnologia*. Campinas, SP: Editora Alínea, 2018.

MIGLIORIN, Cezar. *Inevitavelmente cinema - educação, política e mafuá*. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2015.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE PEDIATRIA. *Saúde de crianças e adolescentes na Era Digital*. Manual de Orientações, out. 2016. Disponível em: <https://www.sbp.com.br/fileadmin/user_upload/_22246c-ManOrient_-_MenosTelas__MaisSaude.pdf>. Acesso em: 9 jul. 2025.

VIGOTSKI, Lev Semionovich. *Imaginação e criação na infância: ensaio psicológico*. Comentários: Ana Luiza Smolka. Tradução: Zoia Prestes. São Paulo: Ática, 2009. (Coleção Ensaios Comentados).

FICHA TÉCNICA DO FILME

Título original: *Minuscule: La vallée des fourmis perdues*

Ano de produção: 2013

País de produção: França/Bélgica

Direção: Hélène Giraud e Thomas Szabo

Roteiro: Hélène Giraud e Thomas Szabo

Produção: Phillipe Delarue

Estreia no Brasil: 22 de janeiro de 2015

Duração 89 minutos

Classificação: Livre

Gênero: Animação

